

Novas territorialidades: transformações nas hierarquias econômicas regionais

Anita Kon ¹

Resumo: este trabalho analisa os efeitos regionais da reestruturação produtiva que se verifica mundialmente na atualidade, examinando novas formas hierárquicas de concentração econômica decorrentes deste processo. Desde a década de sessenta, o aumento das redes designadas pelas corporações transnacionais para articular a internacionalização da produção de bens e serviços deu proeminência às “cidades mundiais”, observando-se uma reestruturação global da hierarquia urbana mundial. Do ponto de vista interno às regiões de uma nação, também tem havido consideráveis evidências que sugerem transformações espaciais consideráveis, traduzindo particularmente novas formas de hierarquia. O artigo analisa as transformações na forma desta reestruturação produtiva, decorrentes da mudança tecnológica e que repercutem na elevação da terciarização, procurando mostrar como os impactos da dinâmica dessas mudanças determinam novos padrões na hierarquia regional vigente.

Summary: this paper analysis the regional effects of the productive restructuring which is observed worldwide nowadays, in examining new hierarchical patterns of economic concentration. Since the sixties, the increase of economic nets installed by transnational corporations in order to articulate the internationalization of goods and services production, give proeminence to the “world cities” and to a global world urban hierarchical restructuring. From the inner regional point of view, considerable evidences of spatial transformations are also evident. The article examines the transformation in the configurations of the productive restructuring that arise from technological changes and which are reflected in the increasing service sector.

¹ PUCSO e EAESP/FGV.

1. Introdução

O processo de reestruturação econômica na atualidade é associado ao aumento das atividades de serviços. Este trabalho analisa os efeitos regionais desta reestruturação, examinando novas formas hierárquicas decorrentes deste processo. Desde a década de sessenta, o aumento das redes designadas pelas corporações transnacionais para articular a internacionalização da produção de bens e serviços deu proeminência às "cidades mundiais", observando-se uma reestruturação global da hierarquia urbana mundial. Do ponto de vista interno às regiões de uma nação, também tem havido consideráveis evidências que sugerem transformações espaciais consideráveis, traduzindo particularmente novas formas de hierarquia.

A próxima seção do artigo examina os condicionantes da reestruturação produtiva que vem ocorrendo mundialmente desde os anos 50 e que se intensificou a partir dos anos oitenta, observando o processo de industrialização, que teve o papel de indutor do desenvolvimento econômico desde então. Analisa as transformações na forma desta reestruturação, decorrentes da mudança tecnológica e que repercutem na elevação da terciarização.

A terceira seção procura mostrar os impactos da dinâmica da reestruturação produtiva desde os anos oitenta sobre a distribuição espacial das atividades e particularmente dos serviços, que determinam as mudanças na hierarquia regional vigente. Finalmente a seção seguinte apresenta as conclusões de pesquisas dedicadas à avaliação das mudanças na hierarquia regional, como resultado do novo papel das atividades terciárias no processo de desenvolvimento espacial.

2. Reestruturação produtiva, desenvolvimento econômico e terciarização

É discutido na literatura econômica (Kon, 1992) o papel das atividades secundárias enquanto indutoras do desenvolvimento, para as quais se dirigiram inicialmente o capital e a mão-de-obra oriundos do meio rural. Estes movimentos de centralização produtiva e financeira na atividade industrial, ganharam intensidade e velocidade após a II Guerra Mundial, e tiveram como repercussão a distribuição das

atividades e da população impulsionada por centros de regionais desenvolvimento. A capacidade de multiplicação das atividades, sob o impulso da industrialização, ocorreu de forma concentrada localmente em pólos econômicos, num processo acumulativo, gerando economias de aglomeração. Isto se verificou por meio da realocação setorial dos fatores de produção em direção às atividades terciárias, nas fases iniciais e secundárias do processo de desenvolvimento, no sentido de propiciar economias externas tanto a outras empresas quanto à coletividade. Esta concentração favorece a modernização econômica, ao diluir os gastos e os riscos quando as atividades reúnem um fundo comum, bem como ao disseminar o crescimento para o restante da economia através de canais específicos.

A ampliação da capacidade de geração do produto iniciada nestes pólos e disseminada posteriormente, se verificou graças a transformações nas estruturas produtivas das economias, intensificadas pela evolução tecnológica. A dinâmica de transformações na estrutura produtiva assim iniciada no setor Secundário, se difundiu posteriormente para o setor tradicionalmente denominado Terciário² da economia. Este fenômeno foi amplamente comprovado nos países mais avançados, mas alguns teóricos defendem a idéia de que em economias em desenvolvimento o imigrante rural dirige-se primeiramente ao setor Terciário, para atividades que não exigem alta capacitação, no sentido de adquirir o preparo adequado para assumir atividades que requisitam maior habilitação, deslocando-se posteriormente para o setor Secundário.

Por outro lado, foi amplamente reconhecido que existe um limite para a velocidade de ampliação dos investimentos nas atividades secundárias e para a conseqüente absorção de mão-de-obra neste setor, particularmente nos países menos avançados mas também nos industrializados, em virtude do próprio tamanho do mercado interno e externo, para o consumo de produtos manufaturados, bem como da rigidez dos coeficientes técnicos das funções de produção. Nos países menos

² A adequação do termo Terciário às atividades de serviços, na atualidade, é discutida (Kon, 1999).

desenvolvidos capacidade limitada de poupança interna necessária para esta evolução, também constitui um fator condicionante adicional.

Considerando-se o papel do setor de serviços no decorrer do desenvolvimento econômico de uma sociedade, nas fases iniciais do processo, fica clara a idéia da associação da urbanização acelerada ao crescimento destas atividades, que denota o início das mudanças na estrutura produtiva, características da transição de um sistema econômico de baixa produtividade *per capita*, para outro de produtividade mais elevada. O deslocamento da população rural para os centros mais avançados é ao mesmo tempo causa e efeito da realocação do excedente de capital acumulado nas atividades agropecuárias para outras atividades mais rentáveis, outro fator característico do desenvolvimento.

A evolução do setor Terciário de uma economia, nas etapas iniciais de desenvolvimento — quando a economia passa de uma fase agrária para industrial — está relacionada por um lado, a fatores intrínsecos ao desenvolvimento destas atividades, particularmente no que se refere à demanda por serviços da economia, e que teriam como resposta o reinvestimento no próprio setor, do excedente operacional gerado, mas por outro lado também ao comportamento de fatores exógenos. Como mencionado anteriormente, entre estes condicionantes externos salientam-se:

- O volume e a velocidade de liberação da mão-de-obra das atividades rurais da região e de outras regiões, que se dirigem às áreas urbanas;
- O nível de habilitação da mão-de-obra rural que se dirige à zona urbana;
- a evolução quantitativa e qualitativa das atividades do setor Secundário, que requerem a ampliação e a modernização de serviços complementares;
- a capacidade do setor Secundário do país de absorver esta mão-de-obra rural liberada;
- a geração de um excedente operacional de outros setores econômicos que deve ser realocado para as atividades de serviços;

- a existência de uma infra-estrutura econômica concentrada em uma região, que oferece economias externas para a localização de novas atividades econômicas (Kon, 1997).

Além desses fatores, transformações marcantes pelas quais passaram as economias no processo de industrialização, particularmente após a Segunda Guerra Mundial, tiveram conseqüências consideráveis no processo de terciarização associado ao desenvolvimento econômico global. O processo de concentração e centralização de capital exigiu uma reestruturação na administração e no controle das empresas, implicando a necessidade da criação de uma rede de empresas de serviços auxiliares que fundamentassem novas formas de organização. Em segundo lugar, a internacionalização do capital por meio da multinacionalização das empresas aumentou a demanda por serviços externos às mesmas (atividades financeiras, de contabilidade, de informações de assessoria jurídica, etc.), de apoio a seu financiamento, tanto nos países de origem quanto nos países hospedeiros. Ainda mais, com o desenvolvimento de alta tecnologia, seguido da criação de empresas multidivisionais e a crescente complexidade dos sistemas organizacionais nas grandes empresas, estas têm recorrido à terceirização dos serviços, o que leva ao crescimento da terciarização da economia.

Embora o crescimento do setor de serviços revele uma situação de mudança estrutural análoga à que ocorreu na fase de reorganização da economia rural para industrial, no entanto, alguns autores chamam a atenção para o fato de que em algumas sociedades, as mudanças consideráveis em direção à terciarização, ocorrem com mais ênfase no emprego e não no produto. Nos anos mais recentes os países industrializados tornaram-se economias de serviços e parece evidente que outras economias menos desenvolvidas estão se dirigindo também para a mesma direção. Apenas recentemente tais mudanças têm recebido maior atenção dos economistas.

Os economistas, seguindo a idéia dos geógrafos, reconhecem que os serviços são um fenômeno urbano. Alguns estudos se referem a um forte

relacionamento entre a proliferação dos serviços e a ampla urbanização (McKee, 1988:8). Porém, as atividades terciárias têm sido geralmente consideradas como desempenhando um papel subordinado na expansão urbana e o setor Secundário tem sido reconhecido como o principal motivador e a base econômica do crescimento urbano, desde o início desde século desde a década de trinta.

A aceleração no desenvolvimento e na diversificação das indústrias de serviços na segunda metade deste século, é colocada contra a visão anterior de que os serviços eram obscurecidos pelo impacto visível das manufaturas sobre as cidades e regiões. Assim, os serviços foram considerados como desempenhando um papel subordinado, que se torna visível apenas enquanto o setor manufatureiro o for. Se este setor decresce, e a base de exportação recua, as atividades de serviços sofreriam efeitos multiplicadores reversos. O desenvolvimento desigual entre algumas regiões é considerado como sendo uma consequência da reorganização de certas firmas industriais em face da demanda declinante para sua produção e da pressão competitiva, que encorajam a obtenção de melhorias na produtividade do trabalho. A automação e a mudança tecnológica tornam o processo produtivo mais capital-intensivo e reduzem a demanda para trabalhadores na área da produção, enquanto que, com o declínio geral do emprego no setor Secundário, uma parcela crescente de trabalhadores gerenciais, técnicos e de apoio reflete a terciarização ascendente da produção e a intensificação da mudança na divisão de trabalho em grandes empresas (Kon, 1995).

Desde os finais da década de 60, a microinformática e o desenvolvimento da informatização nos meios de comunicação vêm transformando as economias de muitas maneiras. Primeiramente, o que é produzido ou a composição ("mix") de produtos têm sido alterada, de modo que existe uma crescente complementaridade entre bens e serviços, associada ao desenvolvimento de novos serviços e maior diferenciação de produto ao invés de produção em massa. Em segundo lugar, o mercado tem mudado abarcando maior internacionalização e uma crescente comercialização de serviços. Outra razão é que a localização da produção dos

serviços tem se modificado, difundindo-se também através da internacionalização e finalmente tem havido uma transformação dos processos produtivos.

Duas outras causas da expansão do setor serviços, baseadas nos fatores de demanda, são encontradas na literatura (Riddle, 1986). Uma é o nível de urbanização e a segunda é o comércio internacional ou o crescimento voltado para a exportação, como citado anteriormente. A crescente interdependência entre as nações no contexto da economia global, se desenvolveu crescentemente nas décadas de sessenta e setenta, incluindo os países de baixa renda. Em anos recentes, fatores institucionais como a mudança nos produtos e nas estratégias de mercado, bem como as políticas públicas, mostraram-se como fatores relevantes adicionais que afetaram o crescimento dos serviços em um nível nacional e internacional.

A mudança do paradigma produtivo do sistema fordista para os sistemas flexíveis de produção e organização nas empresas, resultou na dinâmica de rápida elevação da demanda por serviços, tornou também flexível a especialização, desde que os produtores de bens e serviços tiveram que adotar estratégias que visavam a obtenção de permanente inovação e adaptação. Esta adaptação foi possível através da atração e do treinamento de mão-de-obra qualificada, pelo desenvolvimento de redes de cooperação entre as firmas e pela utilização de um nível considerável de tecnologia flexível. Com o mesmo estoque de capital e trabalho, as firmas puderam garantir que seja desenvolvida, produzida e distribuída uma maior gama de serviços. Além disso, a flexibilidade possibilita que os serviços com uma vida produtiva limitada tornem-se mais utilizáveis, do ponto de vista econômico; permite também que as firmas adotem padrões locais quando os serviços são mais dispersos, com menor controle organizacional. Nesta economia pós-industrial, as firmas estão cientes da necessidade de reduzir sua exposição a riscos (reduzindo estoques através de sistemas *just-in-time*), de controlar a qualidade, de subcontratar ou terceirizar e de considerar o trabalho como um ativo de capital.

Mas desde a "economia da informação", o emprego nos serviços tem se expandido em economias mais desenvolvidas, ainda que outros setores testemunhem

aumentos na produtividade, embora o esperado fosse a diminuição de postos de trabalho (Castells, 1999: 320-326; Moraes, 1996). A "economia da informação" é descrita como uma fase recente (desde a década de oitenta) do desenvolvimento econômico, em que a produção de bens e serviços de informação dominam a criação de riquezas e de empregos, e os computadores e as telecomunicações fornecem potencial tecnológico para a inovação de produtos e processos. A informação aumenta a produtividade de qualquer setor, mas o gerenciamento, aquisição e interpretação desta informação são trabalho-intensivos, ainda que tecnologias de processamento de informações sejam disponíveis. Castells (1999) sugere que por trás da expansão do setor de serviços, diretamente em termos de emprego, e indiretamente em termos de seus efeitos sobre o produto, está o desenvolvimento da economia da informação. Neste estágio de desenvolvimento sócio-econômico, a criação, distribuição e manipulação da informação, baseada no conhecimento, passam a constituir a fonte mais relevante de geração de riquezas pela sociedade.

Algumas transformações que reforçaram a passagem para as economias de serviços, particularmente em países mais desenvolvidos nos anos 80, estiveram ligadas ao aumento das grandes corporações, da velocidade da mudança tecnológica, no tamanho dos mercados e na diferenciação do produto, bem como ao desenvolvimento de novos mercados de consumo e ao crescimento da influência de organizações sem fins lucrativos.

No que diz respeito à extensão destas transformações nos sistemas econômicos, foi também observado que mesmo que as atividades de serviços forem consideradas em uma dada estrutura urbana, as forças de demanda e oferta neste setor respondem às necessidades de mercados nacionais e internacionais. As atividades de serviços, em suas formas mais sofisticadas, como serviços industriais, de profissionais liberais, financeiros e de formas superiores de entretenimento foram concentrados em grandes áreas metropolitanas. Porém o avanço nas comunicações e a integração econômica a nível nacional e internacional, colocou algumas dúvidas sobre a correlação direta entre o tamanho da cidade e a importância local relativa dos serviços. As manufaturas e suas empresas auxiliares, estão se tornando mais

independentes de uma localização definida (*foot-loose*) dentro dos confins dos mercados nacionais, e talvez também com relação à economia mundial.

Com tais antecedentes, muitas corporações transnacionais de serviços, tanto em países desenvolvidos como nos menos avançados, passaram a decidir seus investimentos externos diretos de acordo com a possibilidade de resposta às demandas por seus produtos. Um estudo da ONU (Sauvant, 1993) investigou empiricamente os determinantes destes investimentos externos diretos. As conclusões do estudo mostraram que quando as firmas das indústrias de serviços investem no exterior, suas motivações são semelhantes aos investidores das indústrias de manufaturas, ou seja, estas empresas querem operar em grandes mercados, populados por culturas não muito diversas das próprias, com um montante mínimo de restrições governamentais, para suprir firmas que são clientes pré-estabelecidos de seu país de origem. As firmas em indústrias oligopolistas tendem a ser particularmente ativas devido às barreiras à entrada que limitam a finalidade de livre entrada de outras firmas marginalmente lucrativas. Mas ainda que as firmas de serviços sejam ligadas à localização espacial, a tecnologia está começando a mudar este atributo.

O mercado nacional desenvolve serviços auxiliares às demais empresas e também serviços de consumo final. A melhoria nas comunicações ocasiona um efeito demonstração que diversifica geograficamente estes serviços de consumo final, a partir da localização no centro urbano polarizado. O mercado para vários serviços, que eram necessários em grandes áreas urbanas, se difunde em resposta aos interesses dos consumidores e as ofertas dos mercados de serviços se expandem de uma forma não relacionada com a base econômica ou com as necessidades de um ambiente metropolitano (McKee, 1988:Cap.2).

Estudos "*cross-section*" para vários países tenderam a explicar o papel dos serviços na economia nacional e mundial, mas as constatações têm se revelado incompletas, particularmente porque observam os serviços como produção *non-tradable*, sendo observados as funções e os efeitos locais de sua evolução.

Recentemente, vários serviços ultrapassaram suas posições tradicionalmente subordinadas e locais dentro de economias nacionais e este fato leva à necessidade de uma observação mais detalhada sobre o papel dos serviços internacionais e seus impactos globalizantes. Dessa forma, o processo de desenvolvimento tanto nos países industrializados como nos menos avançados passou a ser estimulado pelo adicionalmente pelo setor de serviços e, além disso, neste processo, as oportunidades de serviços não são relacionadas exclusivamente aos propósitos das manufaturas, mas têm sua própria dinâmica de crescimento.

3. Dinâmica da reestruturação produtiva e efeitos regionais

É possível apontar-se as mudanças significativas pelas quais passaram as economias avançadas nos anos recentes desde a década de 80, como incluindo, entre outros aspectos, particularmente:

- a elevação da internacionalização das atividades econômicas;
- a reorganização das firmas dominantes;
- a crescente integração da indústria manufatureira com a de serviços;
- uso crescente da tecnologia microeletrônica;
- a demanda crescente na indústria por uma força de trabalho mais qualificada, porém com muitos trabalhos rotineiros sendo eliminados pela mudança tecnológica;
- a crescente complexidade e volatilidade do consumo;
- uma mudança no papel da intervenção governamental.

Estas transformações foram interpretadas como uma modificação da sociedade fordista baseada na produção e consumo de massa em grande escala, apoiada pela demanda dos gastos governamentais para o gerenciamento de suas funções e para a Previdência e Saúde (principalmente nas nações mais avançadas em que prevalecia o *welfare state*). Como visto, as formas pós-fordistas de produção emergiram desde os anos setenta, quando a indústria passou a utilizar nova tecnologia e uma força de trabalho mais flexível para responder mais rapidamente às mudanças do mercado e à competição internacional, encorajadas por novas formas

de governo que se retirava de funções empresariais e restringia suas funções produtivas (Marshall e Wood, 1995).

Marshall e Wood enfatizam que a crescente proeminência dos serviços e suas contribuições relevantes e multi-facetadas para a mudança estrutural têm como origem: a) a importância da crescente interdependência entre a produção de bens e serviços, pelo fato de que qualquer produto material ou de serviço é criado por uma seqüência complexa de trocas materiais e de serviços que envolve fornecedores e consumidores, incluindo subcontratados e consultores; b) o valor da especialização em serviços no capitalismo dos finais do século vinte, que contribui para a manipulação de matérias-primas, informação, capital e trabalho, em qualquer atividade de produção ou consumo. Interpretar o mundo tornou-se uma tarefa mais complexa, a produção de bens e serviços tornou-se mais capital-intensiva e o papel destes serviços especializados então se intensificou; c) a forma pela qual as mudanças técnicas criam novas oportunidades para a exploração da especialização em serviços; d) a maneira pela qual as qualificações e especializações para atividades de serviços que estão presentes na força de trabalho influenciam significativamente os padrões locais.

Como salienta McKee, uma das funções das atividades de serviços nas economias nacionais, além de sua localização urbana, é o fato de que elas têm sido reconhecidas como facilitadoras ou reforçadoras do impacto sobre os pólos de crescimento, ou seja, sobre as atividades que lideraram tanto de forma quantitativa quanto qualitativa a determinação dos padrões de expansão a nível nacional. A capacidade dos serviços de desempenhar função semelhante no processo de desenvolvimento depende da espécie de atividades dos pólos, de seu tamanho, força e de sua dominância local, regional, nacional ou internacional. Além disto, as atividades de serviços desempenham um papel importante no setor manufatureiro, porque fortalecem e prolongam o impacto dos setores líderes, enquanto que facilitam a transição quando novos setores manufatureiros assumem os papéis de líderes. Estas mudanças na liderança vêm ocorrendo entre as atividades

manufatureiras de economias avançadas e as repercussões vêm sendo sentidas através da economia global mundial.

Foi observado desde os anos 80, que tais mudanças conduzem à realocação das instalações produtivas para países em desenvolvimento, onde os custos do trabalho e as restrições ambientais eram mais favoráveis às indústrias tradicionalmente poderosas, particularmente quando estas atividades perdiam suas posições proeminentes nas economias adiantadas, mas seus produtos ainda eram fortemente demandados em uma escala mundial. Porém após a intensificação da globalização das economias principalmente desde os finais dos anos oitenta, estas indústrias apresentam maiores vantagens de realocar suas atividades em economias modernas, onde são encontrados força de trabalho mais qualificada e outros serviços complementares sofisticados. Em muitos casos firmas de serviços tornam-se multinacionais e transnacionais, e os países hospedeiros menos desenvolvidos apresentam benefícios porque um número de serviços auxiliares às empresas fornecem elos que tornam possível a existência de muitas instalações manufatureiras.

No âmbito doméstico das economias, as mudanças locais refletem o crescente dualismo da força de trabalho, desde que os investimentos nas manufaturas se moveram seja para áreas onde são disponíveis os escassos trabalhadores mais qualificados administrativos e burocratas (*white-collar*) ou para áreas de baixos salários e alto desemprego, onde pode ser recrutada uma força de trabalho semi-qualificada, para desempenhar principalmente atividades rotineiras da produção em plantas das filiais.

A complexidade e diversidade da moderna especialização em serviços encoraja a aglomeração, ao menos das funções de alto nível; as funções mais rotineiras podem ser mais dispersadas, embora controladas de forma centralizada. Estas tendências têm dominado a evolução das regiões urbanas nos anos mais recentes, e também influenciam os padrões da localização manufatureira, enquanto

que a especialização em serviços oferece não apenas um conhecimento técnico e material para os processos produtivos em constante transformação, mas também para qualificações organizacionais ou gerenciais.

Ao lado destes aspectos, o recrudescimento da internacionalização dos serviços teve conseqüências consideráveis sobre as decisões locacionais das empresas e sobre os padrões da distribuição territorial das atividades. Através da exportação do capital, particularmente a partir da Segunda Guerra Mundial, uma série de países, até então menos desenvolvidos, foram também conduzidos a um processo de industrialização, e a uma nova divisão internacional do trabalho; esta conservou porém uma desigualdade estrutural já consolidada anteriormente, resultante do monopólio do novo conhecimento científico e técnico. Estes países receberam este conhecimento tecnológico já pronto, sem possuírem inicialmente o controle desta técnica e convertiam-se apenas em base de fabricação mundial, sobretudo por oferecerem a vantagem de uma mão-de-obra barata.

Dessa maneira, com a continuidade dos avanços tecnológicos nas áreas de transportes e comunicações do pós-guerra, o próprio aparato produtivo das empresas é deslocado para o exterior, inicialmente com a internacionalização da produção de produtos acabados. Posteriormente, a partir do final dos anos sessenta (particularmente com o avanço da microeletrônica e da tecnologia da informação), em alguns setores o processo de produção é internacionalizado, com o desenvolvimento de cada parte do processo em uma diferente região mundial. O fenômeno da globalização e transnacionalização atualmente observado no mercado mundial é portanto um processo histórico de internacionalização do capital, que se difundiu com maior velocidade, particularmente a partir das três últimas décadas graças ao avanço tecnológico.

Neste contexto, desde a década de oitenta configurou-se uma nova etapa mais avançada e veloz de transformações tecnológicas e de acumulação financeira, intensificando a internacionalização da vida econômica, social cultural e política.

Observou-se então que as atividades econômicas passaram progressivamente a se desenvolver de forma independente dos recursos de um território nacional, sejam recursos naturais ou "construídos pelo homem". Esta desterritorialização tem como causas o padrão do progresso técnico, a preferência dos consumidores, organização corporativa e/ou políticas públicas de governos nacionais, o que favorece a maior mobilidade dos fatores produtivos sem perda de eficiência, competitividade e rentabilidade.

Como salienta Milton Santos (1994), a noção de território, na atualidade, transcende a idéia apenas geográfica de espaços contíguos vizinhos que caracterizam uma região, para a noção de rede, formada por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais; o espaço econômico, neste sentido, é organizado hierarquicamente, como resultado da tendência à racionalização das atividades e se faz sob um comando que tende a ser concentrado em cidades mundiais (cujas características serão analisadas posteriormente com maior detalhe), onde a Tecnologia da Informação desempenha um papel relevante; este comando então passa a ser feito pelas empresas através de suas bases em territórios globais diversos.

Assim, as exportações de serviços bem como as importações, são uma parte importante do processo de internacionalização à medida que os mercados globais se tornam mais relevantes para as relações econômicas. Muitas cidades, tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, foram confrontadas nos anos setenta com disparidades no crescimento e em colapsos periódicos nos mercados de terra, trabalho e moradias, bem como em outras tendências econômicas. À medida que o processo de internacionalização exigia certas transformações na infraestrutura econômica principalmente através de atividades de serviços, estas regiões puderam observar uma recuperação com relação ao decréscimo do desenvolvimento econômico e um aumento das oportunidades de emprego, embora os trabalhos para a mão-de-obra não-qualificada tenham progressivamente diminuído e a demanda por profissionais qualificados tenha significativamente aumentado.

A internacionalização da economia mundial na década de oitenta reforçou a posição de muitas cidades desenvolvidas na hierarquia financeira global. O caso da região metropolitana de Nova York é um bom exemplo dos efeitos da internacionalização dos serviços (Warf, 1991). Esta cidade, desde meados dos anos setenta demonstrou sintomas de decadência urbana: queda da renda *per capita*, declínio das receitas de impostos, alto desemprego, piorado por um abandono em massa de firmas manufatureiras, um êxodo das sedes das grandes corporações, um colapso dos mercados de imóveis e a consternação da comunidade de negócios. No entanto, nos anos oitenta Nova York experimentou um ressurgimento dramático e se tornou uma das partes economicamente mais saudáveis dos Estados Unidos e os indicadores econômicos acima mencionados mostraram-se novamente em uma situação consideravelmente boa. As razões para esta mudança residem grandemente na orientação internacional do crescimento da região, como parte do eixo tripartite que domina a geografia global das finanças, juntamente com Londres e Tóquio. Muito desta tendência foi devido à internacionalização da economia de serviços, embora seja errôneo atribuir a recuperação da região inteiramente ao setor de serviços. A cidade de Nova York ainda tem mais empregos manufatureiros do que outras cidades industriais daquele país, mas foram os serviços financeiros e auxiliares às empresas, particularmente os mais internacionalizados, que foram primeiramente responsáveis pela recuperação da região. Outras cidades mundialmente dinâmicas da Europa e da Ásia, passaram por processos semelhantes, desde os anos setenta.

A desregulação dos serviços financeiros e o advento de modos avançados de comunicação intensificaram a internacionalização de firmas de serviços financeiros. A globalização da economia mundial criou um novo papel para as cidades que são eixos internacionais de negócios e para aquelas que são ligadas pela tecnologia da telecomunicação. Originalmente, as atividades bancárias internacionais se desenvolveram como um complemento do comércio internacional, pois é um imperativo das instituições financeiras de ter a presença física próxima do cliente e uma presença ativa nos mercados mais relevantes, a fim de realizar

efetivamente os negócios que são intensificados por conexões diretas confiáveis. Apenas recentemente as atividades bancárias internacionais e o comércio internacional se colocam separadamente como duas partes de uma rede mundial ao invés de formarem uma unidade. Na atualidade, os mercados financeiros operam 24 horas diariamente auxiliados pela transferência eletrônica de informações e de fundos ao redor do mundo.

Os serviços financeiros eletrônicos tornam possível a dispersão das indústrias de serviços financeiros, embora estas atividades estejam sujeitas tanto a forças centrífugas quanto centrípetas. Alguns aspectos da indústria de serviços financeiros se beneficiam da centralização de suas atividades, devido a economias de escala na coleta e processamento de informações. No entanto, outros aspectos se beneficiam da descentralização, como por exemplo, quando a informação onerosa sobre clientes locais, pequenas firmas e condições específicas de mercados locais apontam para a necessidade de contato frontal direto e de operações descentralizadas, ou quando as diferenças nacionais e internacionais nos fusos horários impõem outras deseconomias de centralização.

Apoiados pela base financeira, outras atividades de serviços vêm se difundindo mundialmente, visando o atendimento de assessoria a empresas ou à demanda de serviços de consumo familiar. No caso do Brasil, além da importação de serviços financeiros e de telecomunicações, uma série de empresas prestadoras de serviços de outras nacionalidades vêm investindo no mercado deste país, mais intensamente no segundo quinquênio dos anos noventa, principalmente por meio de franquias. Trata-se particularmente de serviços de limpeza doméstica, oficinas mecânicas, cabeleireiros, lavanderias, locação de veículos, redes de *fast-food*, serviços hospitalares e equipamento em domicílio, entre outros. A globalização destes serviços tem provocado a médio prazo, redução de preços do setor no mercado brasileiro, tendo em vista que, de uma forma geral, estes serviços utilizam padrões de qualidade e de eficiência (estabelecidos pela matriz) superiores às similares nacionais, resultantes da tecnologia usada ou de insumos importados para

sua operacionalização, com ganhos de escala e muitas vezes com processos automatizados. A importação destes serviços, apresenta reflexos consideráveis no comércio internacional e Balanço de Pagamento dos países.

No centro destas transformações está a crescente importância dos serviços em geral e de sua dinâmica espacial em particular, bem como o desenvolvimento mais veloz dos serviços na atualidade, com relação ao setor secundário. No entanto são observadas diferentes espécies de transformações nos diversos países. Em certos países, como a Inglaterra, por exemplo, foi encontrado um forte relacionamento entre industrialização e urbanização após o período da Segunda Guerra mundial. O primeiro impacto foi um período simultâneo de industrialização e urbanização, seguido pelo declínio das atividades industriais nos anos sessenta, associado a um processo de desconcentração da população e de atividades de serviços, porém com a concentração de uma infra-estrutura de serviços mais sofisticados com o desenvolvimento das “cidade mundiais” específicas. Por outro lado, em outros países, como por exemplo a Itália, não houve um relacionamento óbvio entre a industrialização e a urbanização. Em uma parte do país o processo de concentração populacional decresceu quando o processo de industrialização se consolidou, porém em outras áreas um processo relativamente lento de concentração populacional continuou ocorrendo juntamente com o desenvolvimento industrial sustentado e não foi reforçada qualquer hierarquia espacial em escala nacional. Nesse caso o processo de desconcentração de serviços complementares também se consolidou, porém os pólos de desenvolvimento regional desenvolveram uma forte concentração de redes de serviços modernos.

Outro aspecto a ser considerado no processo de transformações econômicas espaciais, refere-se à descentralização produtiva das atividades do setor Secundário que foi um fenômeno internacional nas décadas de sessenta e setenta. A recessão mundial que se seguiu, diminuiu as oportunidades de investimentos e desviou enormes somas de recursos de capital do setor manufatureiro para os serviços financeiros. A descentralização geral da produção é atribuível à concentração de

serviços às empresas (muitos destes anteriormente terceirizados) que se elevou consideravelmente com estes fundos disponíveis. Mas alguns autores salientam que o decréscimo das indústrias manufatureiras urbanas em alguns países desenvolvidos naquele período foi causado em um grau substancial, pela combinação de escassez de terras disponíveis e insatisfação da mão-de-obra industrial, o que resultou em uma elevação mais rápida dos custos salariais em relação ao crescimento da produtividade. Este fato é considerado como uma das maiores razões para a subsequente descentralização da produção, desde que esta descentralização foi atingida especialmente através da subcontratação de pequenas firmas para etapas específicas do processo de produção sem a intervenção de sindicatos, ou então através do estabelecimento de plantas de produção em filiais regionalmente e internacionalmente desconcentradas.

Em muitos países esta descentralização se caracterizou pela separação espacial entre os escritórios administrativos centrais e as plantas produtivas ramificadas, com uma reorganização interna de funções que promoveu uma divisão espacial de trabalho. Muitas vezes esta nova estrutura industrial foi composta por firmas pequenas e médias. São distinguidos na literatura três modelos de firmas pequenas (Jaeger e Durrenberger, 1991): a) a “artesanal tradicional”, representada por um artesão habilitado que fornece o mercado local; b) o “sub-contratante dependente”, uma firma pequena que vende principalmente para uma única grande firma; e c) uma “firma pequena no distrito industrial”. O mercado destas firmas pode ser nacional ou internacional, a produção é verticalmente desintegrada em unidades altamente competitivas e não se apresenta uma dominação por uma única firma grande. Os sub-contratantes na maior parte das vezes são independentes pois fornecem para várias firmas simultaneamente. A maquinaria é bastante sofisticada e em parte requer trabalhadores altamente qualificados, porém existem também algumas tarefas simples a serem desempenhadas. Nestas firmas pequenas, o *marketing*, a pesquisa e as atividades de desenvolvimento são compradas de firmas externas, localizadas nas cidades em que os contatos com as firmas locais são garantidos e os benefícios das economias de aglomeração são ressaltados. Assim, é

observada uma centralização dos serviços às empresas em áreas que apresentam uma estrutura produtiva verticalmente desintegrada.

Dessa forma, verifica-se uma reorganização espacial de atividades e de áreas de influência econômica, tanto mundialmente quanto internamente aos países, como decorrência das transformações na internacionalização dos serviços. Estas mudanças se referem à natureza do comércio internacional destas atividades, bem como à intensificação e velocidade deste comércio.

Nesta evolução da internacionalização produtiva, a mercadoria representada por bens materiais tem sido particularmente objeto de comércio internacional e tradicionalmente os serviços têm sido considerados como não comercializáveis internacionalmente (*non-tradable*) devido à sua natureza não-material. Com a intensificação da mudança tecnológica na área de Transportes, Comunicações e particularmente com o advento da Economia da Informação facilitada pela difusão da microeletrônica, as transformações produtivas e a intensificação da internacionalização econômica tiveram como resultados indiretos a crescente integração dos serviços com os processos produtivos das mercadorias; estes processos produtivos dos bens passaram a se revelar gradativamente intensivos em serviços. Paralelamente, a eficácia da distribuição internacional das mercadorias e da difusão do conhecimento e da informação assumem papel significativo no sistema econômico globalizado. Consequentemente, também se elevam a intensidade e a velocidade da comercialização internacional de serviços, que na atualidade são reconhecidos como mundialmente comercializáveis (*tradable*) (Kon, 1996).

O mercado internacional para serviços se ampliou consideravelmente, desde que a incerteza econômica por parte das firmas e dos países se elevou, e se tornam cada vez mais necessários ajustes nos seu comportamento, visando a contenção de custos e a competição nos mercados mais dinâmicos. A atualização da informação e do conhecimento sobre processos organizacionais e produtivos é uma

busca constante e os fluxos internacionais destes insumos resultam da ampliação da concorrência globalizada. Como salienta Castells: “O novo espaço industrial é organizado em torno de fluxos da informação que, ao mesmo tempo, reúnem e separam — dependendo dos ciclos das empresas — seus componentes territoriais. ...a nova lógica espacial se expande criando uma multiplicidade de redes industriais globais, cujas intersecções e exclusões mudam o próprio conceito de localização industrial de fábricas para fluxos industriais.” (Castells, 1999: 419)

A nova divisão internacional do trabalho que vem se delineando a partir desta dinâmica, se configura grandemente pela especialização crescente em setores terciários que apresentam tecnologias mais sofisticadas, pelos países cuja dotação de uma força de trabalho mais qualificada é uma vantagem comparativa, desde que a qualificação na atualidade é um condicionante imprescindível para a ampliação destes serviços. O modelo de comércio internacional de Heckscher-Ohlin que enfatiza a relação entre a dotação de recursos e a vantagem comparativa de cada país, vem sendo fortemente comprovado por constatações empíricas: os países tendem a exportar bens e serviços cuja produção faça uso intensivo dos seus fatores mais abundantes (World Bank, 1995). Os dados empíricos analisados neste artigo comprovam um maior coeficiente de exportação de serviços em relação às mercadorias, para países em que a mão-de-obra é mais qualificada.

4. Pesquisas recentes: evidências das mudanças nas hierarquias regionais

Além dos aspectos acima discutidos acerca das relações entre o processo de reestruturação econômica e o aumento das atividades de serviços, algumas pesquisas recentes examinam os efeitos regionais da internacionalização dos serviços. Como salientado anteriormente, desde os anos sessenta foi observado um aumento nas redes definidas pelas corporações transnacionais para articular a internacionalização da produção e dos serviços, que deram proeminência às “cidades mundiais”. Nesse contexto foi observada uma reestruturação da hierarquia urbana mundial.

Uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto de Pesquisa Nomura (*Nomura Research Institute*) (Rimmer, 1991) na década de oitenta, apresentou resultados relevantes para a consolidação dos conceitos relacionados às características dos impactos regionais da internacionalização dos serviços, fortemente prevalentes na atualidade. A pesquisa analisou a forma e a força de integração dos centros urbanos no sistema capitalista mundial, focalizando as denominadas “cidades mundiais”, e estudou 345 cidades em relação a 20 atributos que refletiam serviços pessoais, transações de mercadorias e outras comerciais, fluxos de informação e financeiros internacionais. 178 cidades (incluindo Shanghai, Fukuoka, Dacca, Veneza e Bordeaux) foram eliminadas da pesquisa pois não atingiram o patamar mínimo de requisitos para serem reconhecidas como “cidades internacionais”. Das cidades remanescentes, foram classificados três níveis de cidades internacionais:

- a) Oitenta cidades foram classificadas em uma terceira ordem de importância devido às transações comerciais (por exemplo Akron, Bagdad, Birmingham, Nagóia e Stuttgart);
- b) Cinquenta e sete foram classificadas como de segunda ordem de importância como cidades internacionais, pois refletiam além destas funções, uma vantagem adicional em relação a serviços pessoais (Bombay, Osaka, Roterdã e Taipei);
- c) No grupo de primeira ordem, se situaram Nova York, Londres, Paris, Singapura, Sidney, Melbourne e Tóquio. Este tipo de “super-classe” de cidades se consolidava naquele período impulsionado pelas redes eletrônicas globais que permitem que a informação seja centralizada. Vinte e cinco outras cidades também puderam ser classificadas como na primeira ordem de relevância, de acordo com sua força superior de atratividade, no que se refere a fluxos de informações e transações financeiras.

Os três níveis de cidades internacionais se concentravam mais intensamente na América do Norte, Europa Ocidental e em menor extensão na Ásia Oriental. A presença deste fenômeno foi mais escassa na África Central, na América do Sul e em outras partes da Ásia. Embora na atualidade, a dinâmica da globalização tenha transformado também a posição hierárquica das cidades do mundo, incluindo como “cidades mundiais” algumas novas regiões e elevando a ordem de importância de outras, a pesquisa confirmou pela primeira vez a caracterização do peso dos serviços na distribuição regional desenvolvimento mundial, a partir da tecnologia da informação e da infra-estrutura de transportes.

Do ponto de vista interno das regiões de uma nação, também existem evidências consideráveis que sugerem transformações espaciais significativas decorrentes da disponibilidade de uma infra-estrutura de serviços mais completa. O sistema de lugares-centrais indicado por Christaller em 1937, que descrevia uma hierarquia de tamanhos urbanos de acordo com certas funções fornecidas por cada cidade, era derivado de um contexto regional encontrado historicamente nos mercados da Alemanha meridional. O desenvolvimento de indústrias manufatureiras salientou a concentração de atividades em lugares-centrais desde o início do século. No entanto, as versões modernizadas deste modelo refletem processos e padrões em uma escala global, em que a concentração de serviços às empresas em grandes aglomerações urbanas são consideradas como contribuintes a um novo sistema de amplitude mundial de lugares-centrais (Jaeger e Durrenberger, 1991), e no nível mais elevado são situadas as “cidades mundiais” de Nova York, Londres e Tóquio.

Mas, como resultado da descentralização dos serviços, a nova hierarquia de tamanho urbano não coincide necessariamente com as mesmas funções relevantes para todas as cidades. Jaeger e Durrenberger (1991) exemplificam com o caso da Suíça, onde Zurique se situa no topo da hierarquia devido à indústria de serviços financeiros, Basel se salienta por sua forte indústria química orientada para exportações e Bern pelo fato de ser a capital e concentrar a maior parte da burocracia nacional. Desta forma, uma cidade pode ser um lugar-central em uma

dimensão e periférica em outra. A mesma característica é encontrada em outras nações do mundo, como salienta Castells (1999: 405), serviços relevantes são centralizados em áreas metropolitanas (Chicago, Cingapura, Los Angeles, Hong Kong, Osaka, Frankfurt, Paris, Amsterdã, São Francisco e Milão, por exemplo), mas também espalham-se e são descentralizados para as periferias das áreas metropolitanas, ou regiões menos desenvolvidas (Atlanta, Geórgia, Nebraska, Barcelona, Nicem Stuttgart, Bristol, Bombaim, Bangkok, Xangai)

Quando se observa o sistema regional brasileiro, constata-se uma série de regiões metropolitanas que apresentam serviços de infra-estrutura que atuam em diferentes graus como forças aglomerativas, porém com relevância significativa apenas dentro do contexto nacional (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Fortaleza e Porto Alegre). Apenas as metrópoles de São Paulo (em maior grau) e Rio de Janeiro revelam características de “cidades internacionais”, enquanto fornecedoras mais intensivas de serviços que interligam empresas em uma amplitude mundial.

No centro destas transformações está a crescente importância dos serviços em geral e sua dinâmica espacial em particular, e o desenvolvimento dos serviços relacionado às manufaturas. No entanto, em diversos países são observadas diferentes espécies de transformações. Em certas nações, como a Inglaterra por exemplo, foi encontrado um forte relacionamento entre industrialização e urbanização após o período após a Segunda Guerra Mundial. O primeiro impacto foi um período em que estes dois fenômenos aconteceram simultaneamente, seguido pelo declínio das atividades industriais na década de sessenta, associado com um processo de desconcentração da população. Por outro lado, em algumas outras cidades, como a Itália, não houve um relacionamento óbvio entre a industrialização e a urbanização: em uma parte do país, o processo de concentração populacional diminuiu enquanto a industrialização chegava a um fim, mas em outras áreas um processo lento de concentração populacional ocorreu juntamente com um desenvolvimento industrial sustentado e não foi reforçada qualquer hierarquia espacial em uma escala nacional.

Como vimos, a descentralização da indústria manufatureira foi um fenômeno internacional nas décadas de sessenta e setenta nos países mais avançados, e a recessão mundial cortou oportunidades de investimentos e desviou grandes somas de dinheiro do setor manufatureiro para os serviços financeiros. A descentralização geral da produção é atribuída a uma concentração de serviços auxiliares às empresas que aumentaram com a disponibilidade destes enormes fundos. Mas alguns autores (Jaeger e Durrenberger, 1991) salientam que a diminuição das indústrias urbanas em certos países desenvolvidos foi causada consideravelmente pela combinação de diminuição de terra disponível e insatisfação da mão-de-obra industrial que resultou na elevação de custos salariais mais rapidamente do que o crescimento da produtividade. Este fato é considerado uma das principais razões para a subsequente descentralização da produção, desde que esta descentralização foi obtida especialmente pela subcontratação, em estágios específicos de produção, de firmas pequenas, sem trabalhadores sindicalizados e com uma posição econômica relativamente mais fraca, ou ainda pelo estabelecimento de plantas em filiais.

A dinâmica dos serviços também, é fortemente relacionada à contraurbanização. Este processo é explicado por Jaeger e Durrenberger como uma reversão fundamental da tendência secular de urbanização que se iniciou em meados dos anos setenta nos países desenvolvidos e também em muitos em desenvolvimento, quando comunidades periféricas e pequenas de certos países começaram a exibir aumento na migração líquida, e foi observado uma reviravolta nos padrões clássicos de migração rural-urbana. Este novo processo teve uma grande diferença do processo de suburbanização e é explicado pelo seguinte modelo de aglomeração descrito pelos autores acima:

- a) A primeira fase de aglomeração é a urbanização, quando a aglomeração ganha população vinda das áreas rurais e este crescimento é alto nas cidades;

- b) A segunda fase é a suburbanização, quando a aglomeração como um todo ainda cresce, atraindo migrantes da periferia rural, mas os aumentos de população nas cidades declinam ou se retraem e as zonas de crescimento mais rápido estão nos subúrbios nas áreas limites da aglomeração;
- c) Finalmente a terceira fase é a contraurbanização, quando a população nas aglomerações é declinante, enquanto que as áreas rurais podem aumentar em número de habitantes, e os espaços periféricos rurais remotos das aglomerações atraem migrantes urbanos. Este padrão de “desurbanização” pode ser gerado por uma tendência de expansão da aglomeração, ou seja, uma periurbanização.
- d) Uma quarta fase pode ser observada que se relaciona a processos de reurbanização, quando ainda existem perdas populacionais na aglomeração, enquanto que a população na cidade é estabilizada.

Os estudos recentes de Jaeger e Durrenberger (1991:118) constataram que em países desenvolvidos houve um declínio no ritmo da contraurbanização, mas observaram também que seus efeitos remodelaram o ambiente construído e são efeitos duradouros. No que se refere às atividades de serviços, é observado que a localização de serviços de consumo final tendia a seguir a distribuição da população, mas o papel dos produtores de serviços às empresas foi menos bem delineado. Em geral, é esperado que os serviços às empresas se concentrem em grandes aglomerações, mas estes estudos recentes indicaram que esta tendência diminuiu, ou não é a mesma entre diferentes países desenvolvidos. As áreas metropolitanas mostram geralmente taxas mais elevadas de declínio industrial e taxas inferiores de crescimento dos serviços do que em áreas não metropolitanas. Mas os serviços às empresas apresentam o crescimento mais rápido nas áreas metropolitanas e também nas intermediárias e periféricas, e são seguidos por serviços de consumo final e financeiros, enquanto que a construção civil e as atividades manufatureiras estão em

declínio. Estes serviços financeiros incluem tanto serviços às empresas quanto a consumidores individuais.

Sob tais condições, uma estrutura do tipo lugar-central simples, não captura a complexidade do desenvolvimento metropolitano e dos serviços, e é observado frequentemente não um único centro mas muitas diferentes cidades em que o processo de reurbanização ocorre ao mesmo tempo. Assim, o desenvolvimento está se movendo de áreas totalmente urbanizadas e industrializadas, para um ambiente misto, onde a firma manufatureira se torna rural, mas continua a receber o apoio de centros urbanos. Os serviços às empresas se concentram em cidades relativamente pequenas ou de tamanho médio em regiões principalmente favorecidas pelos efeitos da contraurbanização. Em alguns países desenvolvidos da Europa, por exemplo, estas cidades não desempenham um papel internacional relevante, mas são muito importantes em um contexto regional como fornecedoras de serviços às empresas e sustentam relativamente altos níveis de exportações internacional tanto de serviços finais (turismo, por exemplo), quanto de bens.

Além do fato de que a dinâmica espacial das indústrias de serviços contemporâneas é descrita conjuntamente com os elementos de um sistema de um lugar-central global, observa-se que o crescimento, internacionalização e diversificação de serviços mais modernos, particularmente dos serviços às empresas, promove uma divisão espacial de trabalho desigual. Atividades de serviços altamente internacionalizadas podem concentrar-se em umas poucas cidades mundiais que dominam os mercados internacionais, enquanto que o resto das cidades servirão os mercados internos e locais.

Jaeger e Durrenberger encontraram também evidências de que certas tendências em países desenvolvidos podem caracterizar uma situação que difere do modelo de um único lugar-central global e é caracterizada uma hierarquia múltipla. Neste modelo, existe um conjunto de variáveis distribuídas hierarquicamente de uma forma coerente, mas a forma de hierarquia não é apenas relacionada com o

centro. É possível à cidade A se situar em uma hierarquia superior do que a B com relação a uma variável y e à variável z . Então será caracterizada uma hierarquia coerente e a cidade A é mais central, em um sentido absoluto, do que a B. No entanto, é possível encontrar casos de múltiplas hierarquias, quando a cidade A pode se situar em um nível superior a B com relação à variável x , enquanto que a situação se inverte com relação à variável z . Assim, são encontrados dois lugares-centrais que se interferem mutuamente. Existe uma interação em forma de uma rede, com lugares-centrais como nós, a partir de uma periferia para um lugar-central, com um novo tipo de relacionamento de interdependência entre lugares que são centrais com relação a diferentes dimensões.

Jaeger e Durrenberger descrevem três processos que podem ter maior influência sobre o desenvolvimento de múltiplas hierarquias. Relacionam a especialização flexível e a separação dos serviços de atividades manufatureiras, bem como a profissionalização (maiores qualificações, cruciais para a especialização flexível) que permitem estratégias que se beneficiem das divisões entre serviços e atividades manufatureiras típicas. Por outro lado, a especialização flexível pode envolver a externalização (terceirização) de serviços pelas firmas manufatureiras e isto por sua vez aprofunda a separação entre tais firmas e as indústrias de serviços. Finalmente a contraurbanização anteriormente descrita, também dá surgimento a múltiplas hierarquias.

Uma pesquisa que leva em conta uma nova classificação das atividades econômicas (Baily e Maillat, 1991), encontrou resultados interessantes no que se refere à reestruturação regional das atividades. Este trabalho se baseou em dados agregados de emprego em estabelecimentos individuais de uma firma, em quatro funções: manufatura, circulação, distribuição e regulação. Foi testado para quatro estudos de casos que envolveram em escalas nacionais e regiões metropolitanas, estes elementos básicos, para os sistemas produtivos modernos do Canadá, Dinamarca, França e Suíça. O estudo analisou e identificou os papéis desempenhados pelas regiões metropolitanas destes países, e os contrastou com os

desempenhados pelas regiões periféricas, a fim de entender a especialização regional que resultou da reestruturação espacial dos sistemas produtivos nacionais. Diferentes padrões ilustram as mudanças nos sistemas produtivos destes países e suas especializações.

Em algumas regiões, no período analisado de 1971-85, a parcela de emprego na manufatura caiu, mas ainda representou uma grande parte do emprego total (ao redor de 35% a 45%). As atividades de circulação aumentaram em todos os países, em diferentes graus, de acordo com as mudanças específicas nos sistemas produtivos destes países e em sua especialização (mais de 20% do emprego total). Nesta área particular, os fluxos de informação se difundiram e refletiram uma mudança para sistemas econômicos designados a responder aos requisitos de crescente informação e comunicação das trocas nos processos produtivos. Em particular, a mão-de-obra não treinada para ocupações de informações foi substituída em todas as atividades por trabalhadores treinados nestas ocupações, como resultado de uma demanda crescente por atividades relacionadas à organização, coordenação supervisão e acesso a tecnologias e mercados.

No que se refere à atividades de distribuição (cerca de 29% a 35% do emprego total), foi observada uma taxa de crescimento mais rápida na Dinamarca e na França e mais lenta no Canadá e na Suíça. As diferenças foram explicadas pelo fato de que a distribuição individual (de comércio varejista, serviços de reparação e pessoais) já era responsável por um percentual elevado de empregos nestes últimos países. O padrão do papel da distribuição reflete opções escolhidas com relação à Saúde e Educação, ou seja, serviços públicos que exibem uma necessidade de crescimento dos investimentos em capital humano.

As atividades de regulação confirmam a tendência naquele período, em direção à crescente intervenção no sistema econômico, que na atualidade mudou consideravelmente. Estas funções eram representadas por mais do que 9% do emprego total na França, Canadá e Dinamarca no início dos anos oitenta, e 4,4% na

Suíça e apenas a Dinamarca mostrou uma taxa de crescimento significativa (4,2%) na década de setenta.

Os resultados desta pesquisa mostraram situações típicas de países desenvolvidos e deveria ser testado para economias em desenvolvimento. Em resumo, foram descritos três tipos de modelos para a composição dos sistemas produtivos regionais e nacionais, como resultado da reestruturação produtiva: a) O modelo industrial, em que a manufatura participa com mais de 50% do emprego total; b) O modelo da sociedade de consumo, em que o emprego nas atividades de distribuição atinge 50%; c) O modelo da sociedade de informação, em que a circulação representa acima de 40% do emprego total.

Os autores concluem que não podemos afirmar que os sistemas produtivos estão evoluindo em direção a um sistema pós-industrial, porque embora os papéis da circulação, distribuição e regulação tenham aumentado consideravelmente, o papel da manufatura ainda permanece importante em antigas regiões industriais. Dessa forma, a mudança não é para uma sociedade de serviços como tradicionalmente definida, mas ao invés, em direção de uma sociedade pós-manufatureira nestas regiões, enquanto que as regiões metropolitanas e turísticas estão evoluindo para uma sociedade de informação e consumo.

Illeris (1996) pesquisa o desenvolvimento das atividades de serviços de vários países industrializados — Reino Unido, países nórdicos, Holanda, França, Alemanha, Canadá, Suécia e Estados Unidos — relacionando, entre outros aspectos, a localização destas atividades em cada território com o desenvolvimento econômico e com as mudanças na hierarquia urbana. Constata inicialmente que os serviços às famílias (*household services*) se distribuem entre as regiões e ainda entre as cidades e as áreas rurais, de acordo com a população, enquanto que os serviços às empresas (*producer services*) se concentram grandemente nas maiores cidades. Como resultado destas duas forças, verificou que os as atividades de serviços como

um todo, são geograficamente mais concentradas do que a população total e a atividade econômica.

Prossegue verificando que as mudanças geográficas dos anos 80 revelam no entanto uma tendência à descentralização, ou seja, o emprego total dos serviços às empresas teve uma taxa de crescimento superior fora das grandes áreas urbanas; em nenhum dos países pesquisados, foi observado um aumento da concentração. Mas a descentralização foi seletiva e não foi geral em todas as periferias ou em todos os centros de menor tamanho e algumas cidades menores perderam uma parcela considerável de serviços na última década (particularmente às famílias). Embora as atividades voltadas às empresas são fortemente concentradas nas maiores cidades as tendências dos anos 80 não ficou clara: observaram-se uma descentralização na Finlândia, Noruega, Reino Unido, França e Estados Unidos, mas esse movimento não se confirmou totalmente na Dinamarca, Suécia, e Alemanha Ocidental. As regiões que mais ganharam estas atividades, puderam ser identificadas geralmente como as mais dinâmicas, como no sul da Inglaterra (exceto Londres), e sul da Alemanha. As regiões periféricas apenas melhoraram sistematicamente sua situação na Noruega, enquanto na Suécia, no Reino Unido e na França suas taxas de crescimento estiveram próximas à média nacional.

Por outro lado, esta pesquisa verificou também que os escritórios centrais das grandes corporações se concentram muito mais nas grandes cidades do que a população, mas no período 1980-87 verificou-se um grau decrescente de concentração geográfica particularmente entre as empresas norte-americanas, porém na Inglaterra a tendência foi de um ligeiro aumento da concentração.

No entanto, a investigação sobre a área de provisão dos serviços às empresas mostrou que a maior parte dos serviços externos das empresas são adquiridos local e regionalmente, e uma pequena parte em regiões distantes, o que confirma a idéia teórica da necessidade de proximidade dos consumidores dos serviços. Dos serviços mais dinâmicos, os de assessoria contábil e jurídica são

primeiramente fornecidos para os mercados locais e regionais, enquanto que os serviços de informática, consultoria gerencial e de engenharia e serviços de Pesquisa e Desenvolvimento, pelo contrário são em um grau elevado vendidos em mercados distantes. Constatou também que o fornecimento local ou distante dos serviços não está ligado ao tamanho das empresas fornecedoras.

Quadro I – Mudanças econômicas e sociais nas atividades e na localização dos serviços

| Mudanças na economia e na sociedade | Atividades de serviços relacionadas | Forças locais | Impacto local | Novo papel local das atividades de serviços |
|--|--|--|--|---|
| Aumento da parcela de serviços de alta qualidade no total da economia | Todas | Mudanças estruturais | Aumento da concentração de atividades econômicas em grandes cidades | |
| Sem mudanças relevantes | Serviços às famílias e alguns serviços às empresas | Proximidade do consumidor permanece relevante | Crescimento do consumo e redução de economias de escala causam descentralização e vice-versa | Permanecem não-básicas |
| Aumento das trocas de informação sofisticada | Serviços de informação mais qualificados | Necessidade de contatos pessoais. Crescimento das vantagens da aglomeração | Aumento da concentração em grandes cidades | Podem se tornar indiretamente básicas |
| Melhorias nas tecnologias de Transportes e Comunicações | Serviços de informação qualificados. | Redução dos custos e no tempo dos e vantagens da aglomeração transportes. | Diversas localizações se tornam possíveis | Básicas |
| | Serviços rotinizados de informação | Telecomunicações reduzem necessidade de proximidade | Diversas localizações se tornam possíveis | Básicas |
| Aumento do papel do conhecimento e criatividade como fatores de produção | Serviços de informação | Recursos humanos decisivos (educação, mercado de trabalho, meio-ambiente) | Qualidades individuais das localidades se tornam decisivas | Alguns serviços se tornam indiretamente básicos |

Fonte: Illeris (1996:187)

Observando a evolução da provisão dos serviços no tempo, Illeris identifica que, a oferta de serviços regionais aumentou tanto localmente quanto entre regiões, mas também a parcela extra-regional de vendas de serviços também se elevou.

Assim, no que se refere à hierarquia, as informações da Dinamarca, Alemanha Ocidental e França não indicam qualquer mudança de tendência em relação ao período anterior, enquanto que no caso dos Estados Unidos e da Bélgica, a descentralização foi bem clara.

Uma das conclusões que se pode extrair da pesquisa de Illeris é a constatação de que se a estrutura do setor de serviços (sua composição entre serviços às famílias e às empresas) fosse a única responsável pelo desenvolvimento geográfico do setor, então teria havido um crescimento mais rápido nas grandes cidades do que em outra parte. No entanto isto não ocorreu, o que revela que outros fatores locais tiveram influência. Fica claro que na nova sociedade da década de noventa, as tradicionais teorias da localização, baseadas na minimização das distâncias entre os fornecedores e os consumidores não mais são suficientes para explicar a localização das atividades em uma sociedade, particularmente tendo em vista o grau de inovação tecnológica, as mudanças das características dos mercados e o crescimento da internacionalização do capital.

Estas implicações foram resumidas no Quadro I. Como forças locais relevantes, salientam-se as mudanças estruturais, a proximidade dos consumidores, a necessidade de contatos pessoais entre consumidor e fornecedor, a redução da necessidade de proximidade entre o consumidor e o produtor, e ainda a qualidade dos recursos humanos. Como resultante destas forças, a pesquisa revela que um crescente aumento do movimento de suburbanização de atividades de serviços nas nações industrializadas, pois muitos produtores de serviços às empresas estão deixando os centros das cidades, desde que a proximidade dos consumidores ou das fontes de informação não mais determinam sua localização.

6. Considerações finais

A reestruturação produtiva das economias desde os anos 50, se verificou tendo como base a industrialização, sob o paradigma fordista, que teve o papel de indutora do desenvolvimento econômico dos países mais avançados e em desenvolvimento. O sistema de lugares-centrais indicado por Christaller em 1937, que descreve uma hierarquia baseada no tamanho urbano de acordo com certas funções fornecidas por cada cidade, foi utilizado como modelo de análise por várias décadas. O desenvolvimento das indústrias manufatureiras enfatizou a concentração das atividades em lugares centrais. Porém as versões atualizadas deste modelo refletem processos e padrões em uma escala global, onde as concentrações de serviços às empresas em grandes aglomerações, são consideradas como contribuintes ao novo sistema mundial de lugares-centrais, e no alto da hierarquia são encontradas as "cidades mundiais". As mudanças nas condições mundiais dos mercados e o avanço tecnológico intensificado que possibilitaram as mudanças nos processos produtivos e organizacionais, acabaram por acrescentar às atividades de serviços, uma relevância crescente, não apenas como complementação das demais atividades produtivas, mas também como indutora do desenvolvimento econômico.

No centro destas transformações a crescente importância dos serviços em geral e sua dinâmica espacial em particular, é também fortemente relacionada à contraurbanização. Este processo é explicado como uma reversão fundamental da tendência secular de urbanização que se iniciou em meados dos anos setenta nos países desenvolvidos e também em muitos em desenvolvimento, quando comunidades periféricas e pequenas de certos países começaram a exibir aumento na emigração líquida, e foi observado uma reviravolta nos padrões clássicos de migração rural-urbana. Encontram-se também evidências de que certas tendências em países desenvolvidos caracterizam uma situação que difere do modelo de um único lugar-central global dando lugar a uma hierarquia múltipla.

LITERATURA CITADA

- BAILY, Antoine and MAILLAT, Denis, " Service activities and regional metropolitan development: a comparative study" , Daniel P.W. (ed.) *Services and Metropolitan Development*, Routledge, New York, 1991.
- CASTELLS, Manuel, *The informational city: Information Technology, Economic Restructuring and the urban-Regional Process*, Blackwell, Oxford, NY, 1989.
- ILLERIS, Sven, *The Service Economy. A Geographical Approach*, Wiley & Sons, Chichester, 1996.
- JAEGER, Carlo and DURRENBERGER, Gregor, "Services and counterurbanization: the case of central Europe", Daniels, P. W. (ed.), *Services and Metropolitan development*, Routledge, London, 1991.
- KON, Anita, *Service Industries and Service Economy, Texto para Discussão nº 63, Série Economia de Empresas, EAESP/FGV, São Paulo, 1996.*
- _____, *A Produção Terciária*, Nobel, São Paulo, 1992.
- _____, *A estruturação ocupacional brasileira: implicações regionais e urbanas.* SESI, Brasília, 1995.
- MARSHALL, J. Neil & WOOD, Peter A., *Services and Space: Key Aspects of Urban and Regional Development.* Longman Group Limited, Harlow, England, 1995.
- McKEE, David L., *Growth, Development and the Service Economy in the Third World.*, Praeger,, New York, 1988.
- MORAES, Fábio Cassio, *Impactos Econômicos da Tecnologia da Informação*, PUC/SP, dissertação de Mestrado, São Paulo, 1996.
- RIDDLE, Dorothy I., *Service-Led Growth. The Role of the Service Sector in World Development*, Praeger Publishers, N.Y., 1986.
- SANTOS, Milton " O retorno do território", Santos e outros, *Território, Globalização e Fragmentação*, HUCITEC/ANPUR, São Paulo, 1994.
- SAUVANT, Karl P., *The Transnationalization of Service Industries*, United Nation, Transnational Corporations and Management Division, NY, 1993.
- WARF, Barney, " The Internationalization of New York Services", Daniels, P.W. (ed.) *Services and Metropolitan Development*, Routledge, London, 1991.
- WORLD BANK, *World Development Report 1996*, Oxford University Press, New York, 1996.